

EDITORIAL

Em 2009, o Curso de História da UFRJ completou 70 Anos. Atingir a maturidade dos 70 anos é não perder de vista os ideais comumente associados à jovialidade, como a vontade de crescer, de mudar sempre, de estar sintonizado com as novas visões e/ou posturas. O artigo de Norma Côrtes resgata um pouco desse percurso e aponta novos horizontes com a criação do novo Instituto de História. Que venham os próximos 70 Anos!

Ontem e hoje, construímos e reafirmamos a nossa identidade a partir da diversidade e da pluralidade. Atualmente, temos diferentes opções para compreender uma sociedade. Por um lado, definindo suas relações sociais de produção, a luta de classes e seus conflitos, empregando como conceitual: dominação, hegemonia, exploração, reformas ou revolução. Essa foi, por exemplo, a diretriz seguida pelo historiador norte-americano Finley, conforme nos apresenta Alexandre Galvão em seu artigo para o presente número da **Phoînix**. Por outro lado, podemos também utilizar inclusão ou exclusão, interações, apropriações, capacidade de difundir mensagens e/ou formas de consumo. Assim, ao lado dos parâmetros para nos situar frente aos “outros” pelas relações socioeconômicas e domínio político, estão surgindo novos parâmetros que privilegiam uma visão do “eu” e do “outro” a partir da experiência do cotidiano, objetivando perceber a dissociação crescente entre o mundo objetivo e o espaço de subjetividade, como tratados nos demais artigos deste número da revista.

A questão da identidade na sociedade atual está sendo vigorosamente debatida nas teorias sociais¹. Argumenta-se que as velhas identidades, que estabilizaram o mundo social por tanto tempo, estão em diluição, dando lugar a novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno como sujeito unificado. Essa denominada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está “deslocando” as estruturas e desmanchando as “armações” que davam aos indivíduos e grupos a estabilidade no mundo social, ou seja, o conceito de identidades está sendo “descentrado”. O mundo contemporâneo vive uma volatilização de sistemas

éticos, de identidades e de solidariedades “locais”. Estas, sendo criações de um tempo específico e, portanto, histórico, são passíveis de mudança, de rearticulações e, até mesmo, de desaparecimento.

A identidade – que antes oscilava entre a separação de um complexo múltiplo de unidades definidas pelas suas diferenças e uma estrutura capaz de absorver uma multiplicidade de variáveis e, ainda assim, manter sua unidade básica – estaria, agora, sendo abordada como uma relação em que o “outro” constitui a identidade do “eu”. Haveria, portanto, uma relação de alteridade no processo de identificação. As identidades coletivas envolveriam, então, sistemas complexos de interpelações e reconhecimentos através dos quais os agentes sociais se inscreveriam na ordem das formações sociais de forma voluntária, negociada, consensual, imposta e outras. Assim sendo, o conceito de identidade passa da ótica do objeto para a do processo. De identidade para identificação a partir da relação com o “outro”, ou seja, da alteridade. Evidencia-se a sensibilidade para a singular hibridiz das experiências históricas e culturais, afastando-se de uma perspectiva unitária, monolítica ou autônoma das culturas.

Se as identidades individuais não são algo dado quando do nascimento do sujeito, mas algo construído em sua relação com o exterior, muito menos as identidades culturais são algo preexistente ao sujeito, numa perspectiva essencialista criticada por Woodward (2000). As identidades são formadas e transformadas dentro de um contexto social complexo, composto não apenas de instituições, mas também de símbolos e representações. A constituição de uma comunidade seria capaz de gerar um senso de identidade e aliança e de construir significados que norteariam e organizariam as ações e autoimagens. As identidades resultam, portanto, de processos de criação de identificação e, mesmo as aparentemente mais óbvias, abrigam negociações e conflitos em permanente curso, pois as identificações ocorrem no plural, sujeitas a uma diferenciação e hierarquia em relação ao “outro”. Nesse contexto, é fundamental compreender as estratégias implementadas para a construção de identidades com a elaboração de modelos de comportamento e valores que permitam manter unidos grupos de pessoas que, identificando-se culturalmente, reconheçam-se como iguais e se distingam dos “outros”. Deve-se atentar também para as relações e as divisões peculiares de cada cultura distinta envolvida nesse processo. As formas de identidade e alteridade são próprias de um contexto histórico e social determinado. Pertencer ou não pertencer a um grupo ou a uma sociedade é uma construção social e cultural cujo significado e forma variam no tempo e no espaço.

Na perspectiva da construção da identidade, situam-se alguns artigos do presente número da **Phoînix**. Assim, Alexandre Moraes considera as práticas de itinerância dos **aedos** gregos como um dos elementos constitutivos na formação de uma identidade helênica, e Isabel Romeo trata a relação de identidade e diferença sobre gêneros como um vetor para compreender as próprias construções sociais espartanas tanto das mulheres quanto da sociedade em si. Por sua vez, Regina Bustamante destaca como um tema decorativo musivo num dos cômodos de recepção das **domus** da elite provincial da África Romana pode ser inserido no processo de identificação que permite evidenciar a pertença deste grupo à civilização romana.

Nos estudos sobre identificação, torna-se imprescindível observar e analisar as múltiplas interpenetrações do patrimônio simbólico cultural, a intensa circulação e as apropriações culturais. Identidade e alteridade culturais rompem com a representação retórica radical da separação de culturas totalizadas, que vivem ou pretendem viver como se fossem isoladas historicamente, abrindo-se, portanto, para as apropriações e relações dialógicas de interações e de assimilações culturais sem deixar de serem reconhecidas as diferenças. A questão do “deslocamento” e das interações culturais também é analisada em diferentes temporalidades e espacialidades neste número da **Phoînix**: Alexandre Cerqueira aborda os contatos entre helenos e etruscos através da circulação da cerâmica, e José Luiz Izidoro apresenta as experiências cristãs vivenciadas em sua pluralidade, extrapolando o âmbito original da Palestina.

Compreender os distintos processos sociais no mundo antigo em seu dinamismo e pluralidade é o liame que perpassa os artigos aqui apresentados e, como muito bem apontou o poeta mexicano Octavio Paz em seu livro **Os filhos do barro**, também acreditamos que “*a pluralidade de passados torna plausível a pluralidade de futuros*”.

Os Editores

Referências bibliográficas

- AUGÉ, M. **O sentido dos outros**: atualidade da antropologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. [original de c. 1994]
- BAUMAN, Z. **Intimations of postmodernity**. London: Routledge, 1992.
- FEATHERSTONE, M. (Org.) **Global culture**. London: Sage, 1990.
- _____. **O desmanche da cultura**: globalização, pós-modernismo e identidade.

São Paulo: Sesc / Studio Nobel, 1997. [original de 1995]

GIDDENS, A.; LASH, S. (Ed.) **Reflexive modernization**. Cambridge: Polity Press, 1994.

HALL, S. The Question of Cultural Identity. *In*: HELD, D.; MCGREW, T. (Ed.) **Modernity and its Futures**. Cambridge: Polity Press, 1992, p. 273-326. [tradução brasileira de 1997]

HARVEY, D. **The condition of postmodernity**. Oxford: Blackwell, 1989.

PAZ, O. **Os filhos do barro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

RAMONET, I. Pensée unique et régimes globalitaires. *In*: FIORI, J. L. *et al.* **Globalização: o fato e o mito**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998, p. 33-49.

TOURRAINE, A. **Pourrons-nous vivre ensemble? Égaux et différents**. Paris: Fayard, 1997.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, T. T. da. (Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 7-72. [original de 1997]

Notas

¹ A título de exemplo da produção sobre identidade, em fins da década de 1980 e na seguinte, quando as repercussões da queda do Muro de Berlim, da desagregação da URSS e da formação da Comunidade Europeia ainda estavam bastante candentes, podemos citar: HALL, 1992, p. 273-326; RAMONET, 1998, p. 33-49; FEATHERSTONE, 1990; FEATHERSTONE, 1997; GIDDENS e LASH, 1994; BAUMAN, 1992; HARVEY, 1989; AUGÉ, 1999; TOURRAINE, 1997.